

O Fim do Mundo realmente ocorreu

por Alain de Benoist

Legio Victrix - 21 de abril de 2013

O fim do mundo aconteceu, de fato. Ele não ocorreu em um dia específico, mas se arrastou por várias décadas. O mundo que desapareceu era um mundo em que a maioria das crianças sabia como ler e escrever. Um mundo em que admirávamos os heróis ao invés das vítimas. Um mundo em que as máquinas políticas não tinham se tornado aparelhos de esmigalhar almas. Um mundo em que nós tínhamos mais modelos de papéis sociais que direitos. Um mundo em que uma pessoa podia entender o que Pascal queria dizer quando ele escreveu que os entretenimentos nos distraem de viver a verdadeira vida humana. Um mundo em que as fronteiras salvaguardavam aqueles que viviam seu modo de vida e uma vida própria.

Sim, tal mundo tinha seus defeitos e por vezes era um mundo horrível, mas a vida diária de muitos grandes povos era pelo menos regada por uma miríade de significados fornecidos pelas marcações de terra. Através das memórias, este era um mundo ainda familiar para muitos de nós. Alguns lamentam sua ida. Mas tal mundo nunca irá voltar.

O novo mundo é líquido. Espaço e tempo foram abolidos. Despida de toda mediação tradicional a sociedade se tornou mais e mais fluida e mais e mais segmentada, o que apenas facilita sua reificação. Uma pessoa vive nela através do *zapping*. Com o virtual desaparecimento de projetos coletivos maiores, os quais eram antes os portadores de diferentes visões de mundo, a religião do Eu - um Eu baseado na liberdade irrestrita do desejo narcisista, um Eu auto-gerado a partir do nada - resultou na disseminação geral da desterritorialização, a qual caminha lado a lado com a dissolução de todos os marcos e todas as referências, tornando portanto o indivíduo mais e mais maleável, mais condicionável, mais e mais vulnerável, e mais e mais nômade. Sob o verniz da "modernização" emancipatória, " por mais de meio século a osmose ideológica tem ocorrido entre a direita financeira e a esquerda multicultural" (Mathieu Bock-Côte), misturando liberalismo econômica com liberalismo social, o sistema de mercado com os elementos marginais da cultura, tudo isso devido primariamente à reciclagem mercantil da ideologia do desejo e à capitalização sobre a ruína de formas sociais tradicionais. O objetivo final é a eliminação das comunidades de significados que recusam-se a operar de acordo com a lógica do mercado.

Neste meio tempo, algumas verdadeiras transformações antropológicas tiveram lugar. Elas afetam a relação com nosso Eu, a relação com o Outro, a relação com o corpo, a relação com a tecnologia. Amanhã tais transformações podem nos empurrar adiante em direção à mistura planejada de aparelhos eletrônicos e os corpos vivos dos homens. Assim que a cobiça por lucro se torna a única motivação, às custas de todas as outras, seu resultado performático é a generalização do espírito mercantil, o qual por sua vez esmigalha os cidadãos em simples consumidores. Dentro deste contexto, o "politicamente correto" não é só uma moda passageira e engraçada, mas um poderoso meio para transformar o processo de pensamento, para restringir mais e mais o espaço comum como um gerador de obrigações recíprocas e para tornar impossível o resgate do mundo de significados que por enquanto desapareceu.

Nós estamos finalmente testemunhando a implementação do "governo" - uma espécie de cesarismo financeiro que se reduz a governar os povos ao mesmo tempo em que os mantém distantes. Da sua parte, o Estado terapêutico e gerencial, sendo o fornecedor de engenharia social e agindo como o Grande Supervisor, está trabalhando para a remoção de todas as barreiras separando a ordem do caos. Ele afirma seu poder na implementação de uma situação sub-caótica perfeitamente deliberada contra o pano fundo de sua corrida desesperada ao adiante em direção a lugar nenhum, e em conjunto com atemporalidade generalizada, criando, assim, uma situação de uma Guerra Fria civil. A sociologia do vitimismo dispensa a própria noção de classe social, inserindo em seu lugar a denúncia da "exclusão" e a "luta contra a discriminação", do mesmo modo que uma "ciência" econômica que concebe a noção de categorias de povos como uma categoria residual. Ao mesmo tempo, todavia, mais do que nunca antes, a luta de classes por acaso está a todo vapor.

Na Europa, sob o impacto das políticas de "austeridade", o processo de escorregar à recessão, se não mesmo à depressão, está tendo lugar. O desemprego em massa continua a crescer, o desmantelamento dos serviços públicos leva à redução de bens sociais, enquanto o poder aquisitivo continua diminuindo. Um quarto da população européia (120 milhões de pessoas) está ameaçada hoje pela pobreza. No passado, revoluções aconteciam por razões muito menores que esta. Hoje, não existe tal coisa. Terceirização, suspensão de empregos, realocações industriais, demissões abusivas de emprego e as assim ditas "reestruturações sociais" podem certamente desembocar em protestos sociais - mas em nenhum lugar do horizonte próximo há qualquer greve de solidariedade, quanto mais greves gerais. A única preocupação em manter o seu próprio emprego não possui qualquer outro sentido além de si mesmo. Por que a crise está sendo tolerada tão passivamente? Estão as nações tão exaustas, tão ofuscadas, tão embrutecidas? Elas aceitaram a idéia de que não há alternativa? Nações vivem sob o horizonte da fatalidade. Todo mundo espera algo acontecer. Mas isto não irá acontecer, porque o capitalismo, em toda objetividade, está atingindo agora seus limites históricos absolutos.

Nós estamos experimentando uma crise de magnitude absolutamente sem precedentes, afetando o sistema capitalista a um nível de acumulação e produtividade que não foi nunca atingido antes. As crises do século XIX puderam ser superadas porque o capital não tinha ainda tomado controle de completos meios de reprodução social. A crise de 1929 foi superada devido ao fordismo, devido a regulações keynesianas e por causa da Segunda Guerra Mundial. A crise atual, acontecendo agora tendo como pano de fundo a terceira revolução industrial, é uma crise estrutural, capitaneada pelo total fortalecimento do mercado financeiro em detrimento da economia real e assolada adicionalmente por disseminada dívida pública. Um dos resultados diretos disto é o exercício do poder político em benefício dos representantes do Goldman Sachs e do Lehman Brothers. Mas nenhum desses pode solucionar o problema, porque não existe tal mecanismo capaz de superar a presente crise. Bolhas financeiras, crédito estatal e impressão de dinheiro, isto é, a criação de dinheiro-capital financeiro não podem mais resolver o problema da perda da substância do Capital. Na ausência de verdadeiro crescimento, e indiferentemente se se move para uma inflação incontrolável ou para uma predeterminação do pagamento público geral, a crise de suficiência corrente (que está sendo agora tratada como uma crise de liquidez) - tudo isso irá terminar em um terremoto.

Em tempos como nossos existem quatro tipos de pessoas. Existem aqueles que conscientemente querem se afundar mais e mais no caos e na escuridão. Existem que voluntariamente ou não

estão sempre preparados para suportar qualquer coisa. Existem também aqueles que são dinossauros de direita por aí que vivenciam a presente situação através da lamentação. Do choro à comemoração, eles imaginam que podem trazer de volta a velha ordem, o que explica porque eles sempre contabilizam derrotas.

Mas também existem aqueles que desejam um novo início. Aqueles que vivem na escuridão, mas que não são da escuridão; isto é, aqueles que lutam para ressuscitar a luz. Aqueles que sabem que além do real, existe também o possível. Eles gostam de citar George Orwell: "Em um tempo de mentira universal, contar a verdade é um ato revolucionário".